

(RE) INVENTANDO O REFORÇO ESCOLAR A PARTIR DO OLHAR LÚDICO E PSICOPEDAGÓGICO

Autora: Denize Cruz e Silva

Faculdade do Vale do Jaguaribe, www.fvj.br/

Resumo: O trabalho apresenta o resultado do primeiro ano de pesquisa desenvolvida numa sala de Reforço Escolar em São José do Seridó/RN. A pesquisa é de natureza qualitativa e foi desenvolvida com alunos da Educação Infantil e Ensino Fundamental I. A ludicidade e o olhar psicopedagógico foram as apostas para a inovação no Reforço Escolar e os autores como LUCKESI (1999), BOSSA (2015), FRIEDMANN (2012), TEBEROSKY (2004), dentre outros, trazem as discussões a cerca da temática. Os dados obtidos trazem os pontos positivos quais sejam: os avanços significativos no Sistema de Escrita Alfabética (SEA) dos alunos e a aprovação do lúdico como um recurso facilitador e motivador da aprendizagem escolar. Como pontos negativos encontramos a desistência de alguns alunos mediante problemas particulares.

Palavras-chave: Reforço escolar, inovação, aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O reforço escolar é uma prática muito antiga que vem se espalhando por todo o território brasileiro e quiçá outros países, com o objetivo de minimizar o temido fracasso escolar. Seu caráter pode ser tanto particular (contrato entre professores e pais) quanto de programa de inclusão adotado por instituições escolares.

Quando se fala em *Reforço Escolar* o que vem em mente são aulas extras desenvolvidas por algum profissional (formado na área da educação ou não) que trabalha acompanhando os deveres de casa, bem como aplicação de exercícios mecânicos e repetitivos com o objetivo de reforçar aquilo que não foi possível aprender nas horas regulares de ensino.

Se dividirmos em grupos os alunos que aderem as aulas de reforço poderia assim dividi-los:

- ✓ Alunos que não acompanham o ritmo de atividades em sala de aula;
- ✓ Alunos que apenas necessitam de supervisão para acompanhar os deveres de casa (papel dos pais, mas que terceirizam por algum motivo);
- ✓ Alunos filhos de pais com grau de instrução mínimo, incapaz de dominar os conteúdos postos e,

(83) 3322.3222

contato@conbrale.com.br

www.conbrale.com.br

consequentemente, de acompanhar as atividades.

Diante dessas questões e entendendo a importância de que o reforço escolar bem trabalhado é capaz de proporcionar à vida estudantil de um aluno, buscamos propor uma nova metodologia de trabalho capaz de atender as especificidades de um bom ensino extraescolar. Para tanto, buscamos autores como LUCKESI (1999), BOSSA (2011), FRIEDMANN (2012), TEBEROSKY (2004), dentre outros, para discutir sobre a temática.

Oferecer numa nova proposta metodológica que prezasse a qualidade e a inovação na construção da aprendizagem dos alunos tornou-se um desafio. Nessa busca de inovação não se pode perder de vista a Psicopedagogia, visto que seu estudo permite compreender melhor o processo da aprendizagem, ou seja: *o que, como e por quê* o sujeito aprende. Posto isso, entendemos que a ludicidade é uma ferramenta importante nesse processo.

Então o que propor? Como de fato ajudar os alunos a aprenderem mais para vencer as dificuldades de aprendizagem a partir de novas estratégias? Que estratégias usar? Como fugir dos exercícios mecânicos para se obter bons resultados?

Pensando nisso, foi desenvolvida uma proposta de reforço escolar a partir do olhar lúdico e psicopedagógico com o intuito de inovar e garantir uma metodologia de trabalho mais atrativa e eficaz. Esta proposta consiste no *estabelecimento de rotina e atividades lúdicas* a serem desenvolvidas no tempo hábil de estudo, fugindo então de exercícios mecânicos sem sentido.

Com esta nova proposta de reforço escolar buscamos trazer para a vivência a possibilidade de se discutir a fundo, o tema em questão, ou seja, de que é possível oferecer atividades fundamentadas pedagogicamente e atrativas para os alunos, de modo que se deixe de lado a ideia errônea de que “reforço escolar é para fazer as atividades escolares e repeti-los depois como prova de que aprendeu o conteúdo”. Desta maneira, o discente que aderir a esta nova possibilidade de aprendizagem só tem a ganhar.

Os resultados deste trabalho indicaram a aceitação por parte dos alunos quanto ao estabelecimento de rotina a priori, bem como a satisfação em utilizar jogos e outros recursos como ferramentas importantes para a aprendizagem. Os pais e professores de sala de aula do ensino regular perceberam a evolução progressiva das crianças, principalmente nas questões referentes à leitura e escrita. O olhar psicopedagógico ficou a cargo da observação atenta das etapas de desenvolvimento, bem como a sugestão de

encaminhamento de alguns casos para profissionais especializados, tais como: psicólogos, fonoaudiólogos, oftalmologistas, dentre outros.

O presente trabalho encontra-se organizado da seguinte forma: caracterização do campo de pesquisa, discussão da temática com autores e estudiosos da área, passa a passo do trabalho realizado, o reforço escolar e o olhar psicopedagógico e por último as considerações finais.

1. CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

O presente trabalho foi realizado em São José do Seridó/RN, no ano de 2017 e em seu primeiro ano de pesquisa e experiência, o reforço escolar contou com a participação de cerca de 25 alunos (17 meninas e 8 meninos) distribuídos em horários de 1 hora/aula, agrupados por ano escolar e atendidos em horários no contra turno. Havia alunos desde o nível V da Educação Infantil, até alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. A professora responsável pelo trabalho possui formação em nível superior, mais especificamente Licenciatura em Pedagogia e pós-graduanda em Psicopedagogia Clínica e Institucional.

2. INOVAÇÃO X DESAFIO

Falar sobre reforço escolar é difícil e polêmico ao mesmo tempo. É difícil pelo fato de haverem poucas discussões a cerca da temática e é polêmico porque certamente está associado ao fracasso escolar. Na maioria das vezes só se busca complemento na educação quando existem lacunas no processo de aprendizagem.

De acordo com Luckesi (1999), esse completo normalmente é tarefa assumida pelos pais ou, como em sua maioria, é terceirizada. Ou seja, buscam-se profissionais ou pessoas experientes que possam oferecer esse serviço.

O reforço muitas vezes, não passa do cumprimento da lição de casa e, por conseguinte, na repetição de exercícios ora trabalhados. Tornando, portanto, uma obrigação chata e enfadonha. Daí surge o nosso desafio:

transformar a proposta do reforço escolar em algo inovador e eficiente, capaz de proporcionar a troca de conhecimento e vivências daqueles que ali participarem.

Luckesi (1999) diz que tanto o professor de sala de aula quanto o de reforço escolar tem o compromisso de auxiliar o aluno a obter os melhores resultados no processo de aprendizagem. Então, como fazer? O que oferecer de diferente para estes alunos?

Neste caso, apostamos na ludicidade, pois acreditamos que ela desenvolve papel fundamental no processo educativo e em especial no ciclo de alfabetização.

Ludicidade deriva da palavra *lúdico*, que em latim tem seu significado associado a brincadeira, jogo ou divertimento. Assim, permite que a criança se sinta mais a vontade para aprender. Sobre isso, Bernadelli (2015, p.24) diz que:

os jogos, os brinquedos e as brincadeiras colaboram para uma vida mais significativa e prazerosa para a criança. Por isso, há muito tempo, os estudiosos da Educação defendem as atividades lúdicas como recursos para o desenvolvimento de ações pedagógicas significativas, como aquisição da leitura e da escrita, conceitos matemáticos, dentre outros.

A ludicidade é um tema importante no campo da educação e que é discutido a bastante tempo por estudiosos e autores como: Rousseau, Pestalozzi, Dewey, Piaget, Vygotsky. Todos eles concordam que a ludicidade é essencial no processo de aprendizagem, pois traz benefício ao físico, cognitivo, social e emocional das crianças.

Sobre este assunto Friedmann (2012) diz que as crianças, muitas vezes, aprendem muito mais por meio de jogos do que com lições e exercícios, uma vez que um jogo ou uma brincadeira ativam muito mais o pensamento do que um simples exercício. Assim, “são atividades importantíssimas e merecem ser levadas para a sala de aula para tornar a educação mais compatível com o desenvolvimento das crianças (FRIEDMANN 2012, p.38)”.

Oferecer um reforço escolar de qualidade, portanto, é aliar a ludicidade ao trabalho pedagógico sem perder de visto o olhar psicopedagógico, dado que este último permite buscar melhorias nas relações com a aprendizagem, assim como a melhor qualidade na construção da aprendizagem BOSSA (2011).

Apesar de atender alunos do nível V da Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental, o reforço escolar manteve-se focado principalmente na alfabetização, por se tratar da base escolar. Para isto, inspirou-se nas contribuições de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979) para nortear a metodologia de alfabetização.

A Teoria da Psicogênese da Escrita¹, é a metodologia de alfabetização que tem sido difundida em todo o nosso país desde os anos 1980, inclusive faz parte da fundamentação de documentos do Ministério da Educação (MEC) e tem se propagado nas formações iniciais e continuada dos professores.

A Teoria da Psicogênese da Escrita, de acordo com Moraes (2012, p.45), “desbancou os métodos tradicionais de alfabetização”, uma vez que trouxe à tona a escrita não como um código, mas como um sistema notacional onde seu aprendizado se dá gradualmente, num percurso evolutivo e não do dia para noite. Em outras palavras, alfabetizar não tem nada a ver com exercícios fônicos e silábicos, e sim com o desenvolvimento da consciência fonológica. Logo, é preciso pensar e preparar bem o que será proposto no novo reforço escolar.

2.1 Metodologia

A proposta de reforço escolar foi pensada e elaborada a partir das orientações do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC)², pois se trata do que há de mais novo nas discussões a cerca de formação de professores alfabetizadores.

De início foi estabelecida uma rotina de atividades para serem desenvolvidas, na qual estava assim delimitada:

	SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
ATIVIDADE	Matemática	Matemática	Leitura e Interpretação Textual	Ortografia	Produção Textual

¹ Teoria criada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1979).

² O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa é um compromisso formal e solidário assumido pelos governos Federal, do Distrito Federal, dos Estados e dos Municípios, desde 2012, para atender à Meta 5 do Plano Nacional da Educação (PNE), que estabelece a obrigatoriedade de alfabetizar todas as crianças, no máximo, até o final do 3º (terceiro) ano do ensino fundamental. (83) 3322.3222

No que diz respeito à matemática, podemos dizer que nessas aulas o aluno era estimulado a desenvolver capacidades de: raciocínio lógico, argumentação, comunicação, modelagem, colocação e solução de problemas, através do uso de jogos pedagógicos e outros recursos como tampas, sementes, canudos, material dourado, dominó, encarte de supermercado dentre outros.

Nosso objetivo nada mais era o de trazer a matemática para o ambiente diário dos alunos e, deste modo, leva-lo a explorar e investigar a matemática a partir de momentos de produção e criação. E o uso de recursos como tampas, sementes etc. ajudaria a trabalhar com o concreto.

No que diz respeito ao letramento e alfabetização as atividades foram divididas em três (03) categorias, sendo elas: leitura e interpretação textual, ortografia e produção textual. Contudo, a ênfase maior foi dada principalmente à leitura, inclusive foi organizado um cantinho da leitura para motivar ainda mais essa prática.

Todos os dias os alunos eram estimulados a ler algo proposto pelo professor (recorte de textos diversificados, palavras da latinha, frases motivacionais espalhadas pela sala, livros literários, textos do próprio material dos alunos e até mesmo as questões do dever de casa quando levavam, enfim, a prática era constante. Também é importante destacar que alguns momentos de leitura eram realizados na Biblioteca SESI Indústria do Conhecimento³, por se tratar de um ambiente agradável, importante e próximo a sala de aula. Em todo esse contexto do levar e estimular a criança a ler se destacava a oralidade, requisito importante nesta fase de ensino, uma vez que o reforço escolar em sua elaboração já inclui esse processo.

Nas atividades de leitura e interpretação textual, a professora selecionava textos de diversos gêneros de acordo com a faixa etária e o nível escolar das crianças. Havia primeiro a leitura individual e depois a leitura coletiva seguida da discussão sobre o tema. Após isso os alunos eram convidados a praticar sobre o que haviam lido. Aqui não somente entrava em cena a oralidade como também a desenvoltura corporal e a timidez das crianças, tudo isso era estimulado através de apresentações. Quando oportuno também era trabalhado o ensino de gramática.

³ As **bibliotecas** “SESI Indústria do Conhecimento” são espaços multimídia instalados em municípios ou indústrias, dispondo de materiais educativos, livros, gibis, jornais, revistas, periódicos locais e de circulação nacional, DVDteca, CDteca e Gibiteca, laboratório de informática com computadores conectados à Internet, dentre outros.

As aulas de ortografia se davam principalmente a partir do levantamento de palavras em que os alunos sentiam mais dificuldade em escrever. Esta atividade geralmente era em forma de lista de palavras, caça palavras, palavras-cruzada, recortes de palavras e jogos específicos. Havia discussão das regras gramaticais.

Por fim, a produção textual. Estas atividades eram realizadas a partir de um tema proposto pela professora, quanto a partir de experiências vivenciadas pelos alunos, como por exemplo, a contação sobre uma viagem, uma festa, etc. Ao final das produções o aluno era convidado a reler o texto juntamente com a professora para verificar os pontos que precisavam melhorar, tais como: pontuação, coesão, coerência e ortografia.

É importante destacar que todas as atividades listadas anteriormente se entrelaçavam e se complementavam com a utilização de jogos pedagógicos⁴, visto que estes podem criar condições fundamentais para o desenvolvimento do aluno, além de promover a participação coletiva e individual em ações que possam melhorar o seu desenvolvimento cognitivo, afetivo e social (BRASIL p.30).

Bossa (2011, p.155), diz que “o jogo é uma via de acesso ao saber”. Então nada mais justo do que adotar bons jogos de alfabetização para aliar ludicidade e aprendizagem. Sobre jogos de alfabetização:

Embora todo jogo seja educativo em seu sentido mais amplo, existem alguns que são especialmente concebidos para cumprirem uma finalidade didática. Os jogos de alfabetização se incluem nessa categoria, pois, além de terem um sentido lúdico e propiciarem diversão, são intencionalmente preparados para promover a aprendizagem do sistema de escrita alfabética. Os jogos de alfabetização podem favorecer tanto a compreensão da natureza e do funcionamento do Sistema de Escrita Alfabética quanto a consolidação do processo de alfabetização (ALBUQUERQUE E BUNZEN 2015, p.58-59).

Daí sua importante utilização e sua presença nas atividades no reforço escolar.

Além do cuidado em definir a rotina de atividades e os jogos, o espaço físico também foi pensado para que se pudesse tornar um ambiente agradável, acolhedor e alfabetizador. Como existe no PNAIC a recomendação de adotar “cantinhos pedagógicos” na sala de aula,

⁴ Alguns inspirados no acervo PNAIC, outros relacionados adquiridos em lojas de brinquedos ou livraria.

logo foram definidos os seguintes espaços: cantinho da leitura, cantinho dos jogos e cantinho da matemática.

No cantinho da leitura semanalmente, o acervo era atualizado para que sempre tivesse novidades para os alunos. Desde gibis, contos, fábulas, até notícias e outros gêneros textuais.

No cantinho dos jogos estavam: Alfabingo, Jogos das quatro operações, Bingo contas, Pega-pegas tabuada, Monta e conta, Dominó já sei ler, Aprendendo o alfabeto, Jogos das sílabas, Alfabeto silábico, Alfabeto móvel, Quem escreve sou eu, dentre muitos outros.

Já no cantinho da matemática havia uma variedade de tampas, palitos, sementes, canudos, material dourado, dados, e peças com algarismos.

Todos os detalhes foram pensados estrategicamente para que se pudesse oferecer um reforço escolar diferente e de mais qualidade. Diferente, porque se buscava fugir do comum, da lição de casa e dos exercícios repetitivos. De qualidade, pois queríamos mostrar que é possível fazer diferente e propor outras formas de ensino.

2.2 O reforço escolar e o olhar psicopedagógico

Se a psicopedagogia se ocupa da aprendizagem humana, ou seja, de entender como o sujeito aprende e como essa aprendizagem evolui, também foi de nosso interesse estar atentos aos fatores que pudessem afetar o processo evolutivo de aprendizagem.

A psicopedagogia tanto pode assumir o caráter preventivo como clínico. O preventivo, de acordo com Bossa (2011, p. 25), “incide nas questões didático-metodológicas, bem como na formação e na orientação de professores. Além de fazer aconselhamento aos pais”. Já o caráter clínico diz respeito a como o saber se constitui no sujeito, como este se “transforma em suas diversas etapas de vida, quais os recursos de conhecimento que ele dispõe e a forma pela qual produz conhecimento e aprende” Bossa (2011, p. 36).

Nessa perspectiva, nossa proposta está embasada no caráter preventivo, ou seja, na tentativa de prevenir problemas de aprendizagem e, conseqüentemente, de minimizar o fantasma do temido fracasso escolar. Também buscamos fazer aconselhamento aos pais ⁵ quando necessário e comunicação constante entre os professores do ensino regular para verificar os avanços ou traçar novas metodologias.

⁵ Refiro-me a buscar ajuda de outros profissionais na área da saúde, tais como, oftalmologista, psicólogo, fonoaudiólogo, dentre outros.

Bossa (2011) diz que a proposta da psicopedagogia em ação preventiva adota postura crítica diante do fracasso escolar, pois ela visa propor novas alternativas de ações voltadas para a melhoria da prática pedagógica. Entre outras atividades sugeridas está a utilização dos jogos.

Conforme Bossa (2011), os jogos são muito utilizados, porque são férteis. Os jogos criam um contexto de observação e conhecimento capaz de promover o desenvolvimento cognitivo maior. Logo, só vem reforçar que estamos no caminho certo.

Fernández (1991) fala que o brincar possibilita o desenvolvimento das significações de aprender. É a partir desse recurso que é possível observar a dinâmica da aprendizagem e como o sujeito reage frente a isso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito em outros momentos, a experiência desse novo reforço escolar ainda continua. Mas o primeiro ano de pesquisa pode revelar muitas informações importantes dentre as quais podemos destacar a plena aceitação da rotina pelos alunos.

Os alunos que vinham de outras experiências de reforço escolar estranharam a rotina de atividades, visto que eram acostumados a fazer as atividades de casa e serem liberados em seguida ou revisar alguma atividade a partir de exercícios já vistos em sala de aula. Agora eram muitas propostas.

Os jogos facilmente foram aceitos, já que por si já associavam a diversão, logo não houveram problemas quanto isso. Um ponto negativo neste caso foi o entendimento dos alunos de que não poderiam jogar por jogar, mas que haveria um objetivo por trás de cada jogo, de cada proposta e que era preciso respeitar os momentos certos e a escolha do jogo por parte da professora.

Quanto à leitura, podemos dizer que houve avanços muito significativos. Os alunos que sabiam ler puderam aprimorar cada vez, principalmente a questão da entonação, assim como outros alunos no início do processo de alfabetização conseguiram terminar o ano lendo palavras simples. Temos o relato de uma criança do nível V da Educação Infantil que saiu lendo e dando os primeiros passos para a interpretação textual.

Já os alunos que não tinham hábito de leitura sentiram um pouco mais de dificuldade para adaptar-se a rotina de leitura. A professora teve

que motivar e cativar arduamente para que vencessem. Para tanto, a mesma utilizou de várias estratégias, neste caso específico, para conseguir resultados positivos.

No que diz respeito à escrita, também houve avanços. Boa parte dos alunos concluíram o ano produzindo textos, uns com mais autonomia do que outros. Mas de modo geral, os avanços foram perceptíveis.

O olhar psicopedagógico ficou a cargo da observação atenta de cada etapa de ensino vivenciado pelos alunos, e também na sugestão (quando necessário) de busca de outros profissionais tais como: oftalmologistas e psicólogos para somar ao processo de aprendizagem dos discentes.

Em suma, o reforço escolar sem dúvidas tornou-se interessante e atrativo para os alunos, pois os relatos de satisfação em estudar, em ir para o reforço não faltaram. Assim, entendemos que vale a pena continuar investindo nessa nova proposta de reforço escolar. A desistência de alguns alunos dessas atividades apesar de ser um ponto negativo, não atrapalhou os resultados esperados.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; BUNZEN, Clecio. **Diversos jogos no ciclo de alfabetização: usos e funções.** IN: ____ .BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A criança no ciclo de alfabetização. Caderno 04 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015, p. 58-68.

BERNARDELLI, Kellen Cristina Costa Alves. **A criança no ciclo de alfabetização: ludicidade nos espaços/tempo escolares.** IN: ____ .BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. A criança no ciclo de alfabetização. Caderno 02 / Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015, p.23-83.

BOSSA, Nadia Aparecida. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática.** 4. Ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

BRASIL. **Histórico PNAIC.** Disponível em: < <http://pacto.mec.gov.br/historico-pnaic>> Acesso em: 15 mar 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Alfabetização matemática na perspectiva do letramento. Caderno 07/Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2015. 98p.

FERNÁNDEZ, Alicia. **A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua**

família. Tradução: Iara rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1991. 261p.

FRIEDMANN, Adriana. **O brincar na educação infantil**. São Paulo: Moderna, 2012.

JAGUARIBE, Faculdade Vale do. **Manual de normas para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos [recurso eletrônico]**. Aracati: Faculdade Vale do Jaguaribe, 2017. 120p.

LUCKESI, C.C. **Avaliação de aprendizagem escolar**. 9. Ed. São Paulo: Cortez, 1999.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: a prática de fichamentos, resumos, resenhas**. 11 ed. – 4 reimpr. – São Paulo: Atlas, 2011.

MONTEIRO, Dirce Charava; SBOROWSKI, Luciana Rueda. **Dificuldades no processo de alfabetização: uma questão metodológica**. Revista UNIARA, n.19, 2006, p. 153-161. Disponível em: < <https://doaj.org/article/5776a7fad7a34dae892b8c70984b8f4e>>. Acesso em: 01 fev 2018.

MORAIS. Artur Gomes de Moraes. **Sistema de escrita Alfabética**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2012. (Como eu ensino).

MOTA, Maria Creusa. **O Reforço Escolar na Educação Integral: uma leitura a partir da psicanálise**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília, como parte do requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação, sob a orientação da Profª Drª. Inês Marques Zanforlin Pires de Almeida. Brasília, DF., 29 jul 2011. Disponível em: <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/11008/1/2011_MariaCreusaMota.pdf> Acesso em: 01 fev 2018.

PAÍN, Sara. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Tradução: Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artmed, 1985. 86p.

TEBEROSKY, Ana; GALLART, Marta Soler [et al.]; **Contextos de Alfabetização Inicial**. Trad. Francisco Settineri. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto; PANSINI, Flávia; SOUZA, Flora Lima Farias de. **Reforço escolar: espaço de superação ou manutenção das dificuldades escolares?** Psicol. Esc. Educ. vol.16 no.2 Maringá jul./dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572012000200006&lng=pt&tlng=pt> Acesso em: 03 jan 2018.